

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

ANDRÉ LUIZ DOS SANTOS COSTA

OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS NA OPERAÇÃO TEMPESTADE NO DESERTO

Rio de Janeiro
2019

ANDRÉ LUIZ DOS SANTOS COSTA

OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS NA OPERAÇÃO TEMPESTADE NO DESERTO

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval,
como requisito parcial para a conclusão do Curso
de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1-FN) Fábio Montenegro
Delmas

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2019

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida e pela saúde para enfrentar as dificuldades do dia a dia.

Aos meus pais José (*in memorian*) e Maria pela educação que me deram e por me mostrar o caminho da retidão.

Aos meus padrinhos Mário (*in memorian*) e Rosa (*in memorian*) por terem financiado meus estudos que me permitiram entrar para o Colégio Naval.

À Fabrícia, minha amada esposa e sempre companheira que, em todos os momentos, esteve ao meu lado, incentivando-me e motivando-me com seu amor.

Ao meu filho Enzo, que é a inspiração da minha vida e cujo amor me dá forças para seguir.

Ao meu orientador CMG (RM1-FN) Montenegro, pela atenção dedicada, pelas orientações seguras e serenas e pelos conhecimentos transmitidos, os quais foram fundamentais para a elaboração desta dissertação.

RESUMO

O trabalho abordou o tema Operações Psicológicas e buscou responder a questão se este tipo de operação pode ser fundamental no resultado de um conflito armado. Para isso, a pesquisa teve como propósito analisar, por meio de um estudo de caso, o emprego das Operações Psicológicas na Operação Tempestade no Deserto, ocorrida na Primeira Guerra do Golfo (1991). Para tal, foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica e, no intuito de atingir esse objetivo, foram analisadas algumas teorias referentes a essa capacidade, para que se alcançasse um melhor entendimento do assunto. Foram analisados ainda aspectos que levaram à Primeira Guerra do Golfo (1991) e o desencadear da Operação Tempestade no Deserto propriamente dita. Por fim, foi feita uma análise acerca do emprego das ações de Operações Psicológicas pela Força de Coalizão contra os militares iraquianos e sua utilização combinada com o bombardeio aéreo. As análises permitiram atingir o propósito do trabalho em lide, donde se concluiu que as Operações Psicológicas foram fundamentais para o sucesso da Força de Coalizão no atingimento de seu objetivo de libertar o Kuwait da invasão iraquiana e que sua utilização, se bem planejada e executada, pode ter um papel primordial no resultado de um conflito armado.

Palavras-Chave: Operações Psicológicas. Operação Tempestade no Deserto. Primeira Guerra do Golfo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Metade de um panfleto pertencente a um colecionador.....	49
Figura 2	Panfleto “Pôr do Sol”	50
Figura 3	Panfleto “Convite”	51
Figura 4	Panfleto “Render-se”	52
Figura 5	Panfleto “B-52”	53

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	TEORIAS LIGADAS ÀS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS.....	9
2.1	Fatores psicológicos.....	9
2.2	O processo da comunicação no contexto das Operações Psicológicas.....	10
2.3	Etapas das Operações Psicológicas.....	11
2.4	Requisitos para o emprego das Operações Psicológicas.....	12
2.5	Instrumentos utilizados nas Operações Psicológicas.....	14
2.5.1	Propaganda.....	14
2.5.2	Contrapropaganda.....	19
3	PRIMEIRA GUERRA DO GOLFO: ANTECEDENTES E A OPERAÇÃO TEMPESTADE NO DESERTO.....	21
3.1	A Guerra Irã-Iraque.....	21
3.2	Desentendimentos entre o Iraque e o Kuwait.....	23
3.3	A Operação Tempestade no Deserto.....	26
4	AS AÇÕES DE EMPREGO DAS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS NA OPERAÇÃO TEMPESTADE NO DESERTO.....	31
4.1	Mídias de divulgação.....	31
4.2	Temas de Operações Psicológicas utilizados.....	33
4.3	O <i>feedback</i> das Operações Psicológicas.....	35
4.4	Efeitos da campanha aérea sobre motivação e moral dos militares iraquianos.....	38
5	CONCLUSÃO.....	44
	REFERÊNCIAS.....	46
	ANEXO A - Distribuição de folhetos na Operação Tempestade no Deserto.....	48
	ANEXO B – Ilustrações de Operações Psicológicas.....	49

1 INTRODUÇÃO

As Operações Psicológicas (Op Psc) têm por objetivo mudar o comportamento e principalmente a atitude de um determinado público-alvo, normalmente forças armadas inimigas, mas podem ser voltadas também para o povo, o governo, dentre outros.

O Major Edward Rouse, reservista do Exército norte-americano e participante de diversas associações que tratam do assunto Operações Psicológicas tais como *Psychological Operations Veterans Association (POVA)*, *The Psychological Operations Association (POA)* e *the PSYWAR Society*, define Op Psc como sendo “o uso planejado de comunicações para influenciar atitudes e comportamentos humanos, a fim de criar em públicos-alvo comportamentos, emoções e atitudes que contribuam para a realização de objetivos pretendidos” (ROUSE, 2014, tradução nossa)¹.

Os primeiros registros de utilização do que se pode chamar de antecedentes das Op Psc datam do ano 3.000 a.c. (antes de Cristo), empregadas na conquista da cidade de Aratta pelo Rei Enmerkar, sendo que seu uso mais aprimorado data do século XVII, com a Igreja Católica fazendo da propaganda um elemento de persuasão, visando influenciar a sociedade. (BRASIL, 2017).

Diante do exposto, a questão que ora se apresenta é a seguinte: As Operações Psicológicas podem ter um papel fundamental no resultado de um conflito armado?

Com isso, o propósito do trabalho é efetuar uma análise, através de um estudo de caso, acerca das Op Psc realizadas na Operação Tempestade no Deserto desencadeada por ocasião da Primeira Guerra do Golfo (1991) e verificar se foram fundamentais para o êxito

¹ No original em inglês: “Psychological operations may be defined broadly as the planned use of communications to influence human attitudes and behavior ... to create in target groups behavior, emotions, and attitudes that support the attainment of national objectives”.

obtido pela Força de Coalizão² contra o Iraque. O método utilizado será a pesquisa bibliográfica.

Como objetivos específicos, serão analisadas algumas teorias ligadas às Operações Psicológicas, os antecedentes da Primeira Guerra do Golfo, a Operação Tempestade no Deserto e, por fim, as ações de Operações Psicológicas realizadas durante a operação.

O trabalho será estruturado em uma introdução, três capítulos de análises e uma conclusão.

O capítulo 2 traz fundamentos teóricos que visam facilitar o entendimento do tema Operações Psicológicas e das táticas empregadas pela Força de Coalizão na Operação Tempestade no Deserto, identificando os fatores psicológicos que possuem condições de afetar o comportamento humano. Será explicado o processo das comunicações no contexto das Op Psc, as etapas destas operações, além da demonstração dos requisitos para o seu emprego e os instrumentos de utilização abordados neste trabalho, que são a propaganda e a contrapropaganda, com maior ênfase ao primeiro.

O capítulo 3 contextualizará historicamente a invasão do Kuwait pelo Iraque, buscando entender suas causas, citando acontecimentos que remontam desde a Guerra Irã-Iraque (1980-1988), os desentendimentos iniciais entre o Iraque e Kuwait e uma explicação sobre a Operação Tempestade no Deserto propriamente dita.

O capítulo 4 mostrará as táticas de Op Psc efetivamente empregadas na Operação Tempestade no Deserto, explicitando as mídias utilizadas na divulgação da propaganda, os temas de Op Psc mais empregados, os *feedback* das Op Psc obtidos através de entrevistas com prisioneiros de guerra e o efeito da campanha aérea sobre o moral e a motivação da tropa iraquiana.

² Grupo de países que se uniram com o objetivo de expulsar as tropas iraquianas do Kuwait e restabelecer um governo legítimo neste país. 16 países-membros contribuíram com forças navais, 11 países com unidades aéreas e 18 com tropas terrestres. (KEEGAN, 2005, p.100).

Por fim, o último capítulo responde a questão proposta, baseada nas análises efetuadas ao longo do trabalho.

2 TEORIAS LIGADAS ÀS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS

Este capítulo descreverá algumas teorias referentes às Op Psc, discorrendo sobre os fatores psicológicos que possuem condições de afetar o comportamento humano, o processo da comunicação no contexto das Op Psc, as etapas das Op Psc, os requisitos para seu emprego e os instrumentos utilizados, dentre os quais destaca-se a propaganda que é a forma mais eficaz de influenciar a opinião pública e, hoje em dia, com a velocidade com que as informações se processam e chegam as pessoas, a propaganda tem seu protagonismo aumentado consideravelmente na condução deste tipo de operação (BRASIL, 2017).

As Op Psc devem ser aplicadas desde os tempos de paz, motivando os diferentes públicos, sejam eles amigos, inimigos ou neutros, a adotarem comportamentos desejáveis, em prol de apoiar o atingimento dos objetivos estabelecidos. É também objetivo dessas operações a redução de baixas, proteção das tropas e de não combatentes e a contraposição à desinformação e à propaganda adversa (BRASIL, 2017).

As Op Psc visam motivar o público-alvo a adotar comportamentos e atitudes de acordo com o desejo da força executante das referidas operações. Nesse contexto, verifica-se que as informações são importantes porque a comunicação persuasiva é o principal recurso utilizado nessas operações (BRASIL, 2017).

A informação é uma ferramenta importante para influenciar, desorganizar, corromper ou usurpar a capacidade de um público-alvo de tomar e compartilhar decisões, além de servir de suporte e proteção às ações amigas.

2.1 Fatores psicológicos

A identificação dos fatores psicológicos, que possuem condições de afetar o

comportamento humano é primordial para o sucesso das campanhas de Op Psc. A percepção, a motivação³, o estresse⁴ e a atitude⁵ são os quatro principais fatores psicológicos para uma propaganda eficaz (BRASIL, 2017).

Entende-se por percepção como sendo a interpretação dos dados sensoriais auditivos, visuais, táteis, gustativos e olfativos. As habilidades fisiológicas, a educação, as experiências anteriores e o ambiente cultural e social influem na percepção do indivíduo. (BRASIL, 2017).

As mudanças de atitudes, resultado das Op Psc, podem ocorrer de duas formas: por meio do consentimento e da identificação (BRASIL, 2017). A primeira é a forma mais simples, pois é o ceder às vontades da força que faz a propaganda, seja ela por meio de ameaças ou seduções. Às vezes, esta mudança no comportamento, que pode ser momentânea, é o suficiente para obtenção de algum objetivo psicológico⁶. A segunda forma é mais segura e duradoura e acontece quando o público-alvo adere as ideias ou opiniões do propagandista. Ressalta-se que para isso é fundamental que as atitudes desejadas sejam compatíveis com os valores existentes no grupo.

2.2 O processo da comunicação no contexto das Operações Psicológicas

O processo da comunicação é fundamental para atingir o público-alvo nas ações

³ Motivação é um estado interno que resulta de uma necessidade, dirigindo o comportamento humano para a satisfação dessa necessidade. Para que o público-alvo tenha um determinado tipo de comportamento, deve-se conhecer as suas necessidades (carências) e explorá-las em proveito da campanha de Op Psc. (BRASIL, 2017, p. 2-6).

⁴ Estresse é um conjunto de reações do organismo às pressões de ordem física, psíquica, infecciosa e outras, capazes de perturbar o estado de equilíbrio do organismo vivo. Está profundamente ligado a outro fator psicológico, que é a percepção. Outra definição para estresse é uma síndrome de adaptação geral, ou seja, é uma consequência da adaptação do organismo aos vários estímulos que recebemos (BRASIL, 2017, p. 2-7).

⁵ Atitude é a predisposição aprendida para pensar, sentir e agir de maneira favorável ou desfavorável, em relação às pessoas, aos objetos, aos conceitos ou aos fatos (BRASIL, 2017, p. 2-7).

⁶ Objetivo psicológico é uma declaração que especifica a reação que se espera obter do público-alvo como resultado das campanhas de operações psicológicas. Deve definir, identificar ou descrever com precisão as mudanças de atitudes ou de comportamentos desejadas (BRASIL, 2017, p. 1-5).

que compõem as Op Psc. A eficácia da transmissão é fundamental para que se alcancem os efeitos desejados, os quais resultam, em última análise, da percepção do público-alvo diante das mensagens que recebe, seja o público-alvo amigo, neutro ou inimigo (BRASIL, 2017).

A referida doutrina afirma ainda que a comunicação humana é conduzida por um meio ou veículo e transmitida codificada por um canal até o público-alvo, que a recebe e a decodifica. Codificação é o “processo pelo qual as ideias são transformadas em mensagens passíveis de serem transmitidas e entendidas” (GARCIA, 1999, p.38). Entretanto, pode haver interposições que impeçam o trâmite ou que distorçam a mensagem, que são chamadas de ruído ou interferência (BRASIL, 2017).

De acordo com Garcia (1999), os indivíduos possuem capacidades de compreensão distintas. Uns percebem e entendem algum fenômeno de determinada maneira enquanto outros sequer percebem aquele fenômeno. Ou, um fato que pode chamar atenção de determinado indivíduo, outro não dá a mínima atenção por não o considerar importante. Para algumas pessoas uma ideologia dificilmente será compreensível em seu todo. Nesse sentido, a propaganda, que será abordada em detalhes mais adiante, para transmitir sua ideologia, precisa adaptar e adequar as ideias nela contidas, levando-se em consideração as diversas condições e capacidades de percepção dos receptores, a fim de que atraia sua atenção para as mensagens e que estes consigam entender seu significado.

As campanhas psicológicas têm os mais variados interesses e a facilidade de acesso aos meios de comunicação de massa, globalizados, de alta tecnologia e em tempo real intensificou essas campanhas com as mais diversas intenções, sejam elas afetas a questões econômicas, comerciais, políticas dentre outras (BRASIL, 2017).

2.3 Etapas das Operações Psicológicas

As Op Psc são divididas em 4 etapas, a primeira é o planejamento, que visa empregar as capacidades de Op Psc com maior efetividade, servindo como ferramenta para processo de tomada de decisão do comandante. É um processo cíclico, contínuo e adaptativo, ou seja, deve se ajustar às modificações de cenário no teatro de operações (TO); a segunda é a preparação que é a disponibilização dos meios de Op Psc em condições de atuarem no TO; a terceira é a execução que é a aplicação propriamente dita dos meios de Op Psc, na busca por produzir os efeitos desejados e trabalhando sempre de forma integrada ao conjunto das capacidades operativas; e por fim a avaliação que se faz necessária a fim de que se identifique modificações ocorridas no TO, permitindo fazer um acompanhamento do desempenho e eficácia das Op Psc e verificar a necessidade de alterações na condução das operações, permitindo definir, de forma breve, procedimentos para reorientar as ações, caso necessário. A dinâmica dos acontecimentos leva à necessidade de uma avaliação contínua (BRASIL, 2017).

Diante disso, verifica-se que as Op Psc são ações complexas, desde seu planejamento até sua execução, incluindo aí o processo de avaliação, o qual depende de um *feedback* do TO, os quais podem ser obtidos em entrevistas com prisioneiros de guerra, por exemplo. Se mal conduzidas, as Op Psc podem ocasionar efeitos contrários aos desejados.

2.4 Requisitos para o emprego das Operações Psicológicas

O sucesso das Op Psc depende da melhor utilização dos requisitos fundamentais de seu emprego que são a inteligência, a especialização, a caracterização do público-alvo, o planejamento centralizado, a difusão e a avaliação contínua (BRASIL, 2017).

No que diz respeito à inteligência, a equipe de Op Psc deve possuir conhecimentos acerca das ameaças existentes e potenciais, bem como das características e vulnerabilidades do público-alvo. (HOSMER, 1996). É de fundamental importância o acompanhamento do

noticiário nacional e internacional, pois podem ser uma valiosa fonte de dados (BRASIL, 2017).

Quanto à especialização, ressalta-se que o estudo das Op Psc engloba a participação de especialistas das áreas de psicologia, sociologia, linguística, comunicação social, jornalismo, relações públicas, propaganda, marketing, pesquisa de opinião pública, dentre outras. Além disso, há que se citar os meios de guerra eletrônica, ferramenta essencial para as ações de Op Psc, pois fornecem dados para a produção de conhecimentos necessários ao planejamento, ao emprego e ao acompanhamento dos resultados. Tal necessidade de envolver profissionais de diversas áreas é apenas um dos fatores que denotam a complexidade destas operações (BRASIL, 2017).

A caracterização do público-alvo é fundamental, pois suas peculiaridades devem ser conhecidas, uma vez que todo o esforço é dirigido a ele. Há que se conhecer a fundo suas aspirações e deficiências e direcionar o planejamento em cima destes fatores (BRASIL, 2017). De acordo com Linebarger (1962), é fundamental a entrevista com prisioneiros de guerra, donde podem se extrair informações sobre o moral do inimigo, como se dá o relacionamento entre subordinados e seus encarregados, possíveis insatisfações com o governo local, enfim ir traçando perfis sobre o inimigo em lide e comparar com as informações previamente obtidas pelas ações de inteligência.

O planejamento das Op Psc deve ser centralizado, bem estruturado e deve haver uma preocupação com a coerência das campanhas a serem desenvolvidas, exigindo a centralização no mais alto escalão. A execução poderá admitir algum grau de descentralização, porém sempre acompanhada de perto pelo planejador. Tal necessidade se dá pelo grau de sensibilidade proveniente das Op Psc, pela complexidade em lidar com a essência do ser humano, trabalhando o seu emocional, pois como já fora dito anteriormente, uma Op Psc mal planejada ou mal executada pode trazer resultados catastróficos (BRASIL, 2017).

A difusão deve ser uma preocupação também frequente das equipes de Op Psc. A

difusão adequada das mensagens destinadas a influir nas emoções, atitudes e opiniões do público-alvo, com correta interpretação por este, também é condição necessária para o sucesso das Op Psc (BRASIL, 2017).

É indispensável a avaliação contínua dos resultados das campanhas, visando o estudo de situação continuado e o aperfeiçoamento dos planejamentos das ações futuras (BRASIL, 2017).

Todos esses requisitos devem ser explorados da melhor forma possível, o que demanda planejamento e execução meticolosos das Op Psc.

De forma que se possa induzir as pessoas a adotarem os comportamentos e atitudes desejados, as equipes de Op Psc devem conhecer profundamente as características gerais deste público-alvo, seus hábitos, costumes, bem como o de toda a sociedade a qual essas pessoas pertencem, devendo-se sempre estar atento aos resultados obtidos nas execuções das ações conduzidas no TO, para eventuais ajustes. (LINEBARGER 1962).

2.5 Instrumentos utilizados nas Operações Psicológicas

O objetivo dos instrumentos utilizados nas ações de Op Psc é de que os estímulos e mensagens motivadoras alcancem os seus públicos-alvo (BRASIL, 2017). Os instrumentos abordados neste trabalho serão a propaganda e a contrapropaganda, que foram os mais utilizados na Primeira Guerra do Golfo.

2.5.1 Propaganda

Propaganda é o “emprego planejado de qualquer forma de comunicação pública ou privada em grande escala, destinada a afetar as ideias e emoções de um dado grupo com

determinada finalidade pública, seja ela militar, econômica ou política” (LINEBARGER, 1962, p. 96).

O referido autor salienta ainda que se deve ter bastante cautela com o conteúdo da propaganda, de forma que não seja de entendimento complexo e que não vá de encontro a valores morais, culturais e religiosos do público-alvo, para que o efeito alcançado não seja totalmente o contrário do desejado e planejado.

A fim de que se obtenha sucesso na condução das Op Psc, de acordo com Linebarger (1962), é fundamental o inimigo receber informações que tirem dele a vontade de resistir, que faça com que sua unidade seja reduzida e que ele perca as esperanças de êxito. Esses objetivos são mais eficazmente alcançados por meio das notícias, as quais devem ser atraentes para o público-alvo, mais até do que os seus noticiários locais. Para tal, essas notícias devem ser atualizadas, fidedignas e claras. Não há espaço para propaganda mentirosa.

A propaganda é um processo complexo e deve seguir alguns passos. O emissor, que é aquele que deseja difundir algumas ideias, ao identificar interesses diversos, deve elaborar sua ideologia de forma que as ideias nela contidas pareçam atender àqueles interesses diversos. Posteriormente, realiza-se a codificação, em que as ideias se tornam mensagens atrativas, memorizáveis e de fácil compreensão (GARCIA, 1999).

De acordo com Garcia (1999), a universalização é a forma mais utilizada na elaboração das ideologias. Ideias que atendem aos interesses particulares de uma classe ou grupo, são trabalhadas e apresentadas como propostas atendem a todos e que satisfazem às necessidades da maioria.

Ainda segundo o autor, a elaboração também pode ser feita por transferência, onde os interesses contidos na ideologia são transferidos e atribuídos à grande massa de receptores, mas que na verdade entregará vantagens a certos grupos de interesse.

A propaganda resume as ideias em expressões ambíguas, de forma que os receptores

concordem com ela, achando que aquela mensagem atende a seus interesses e necessidades e acabe apoiando aquela ideia transmitida (GARCIA, 1999).

Como citado anteriormente, a codificação é de suma importância seja para buscar um entendimento generalizado da mensagem que se deseja transmitir, seja para atrair a atenção dos mais diversos receptores. Para isso há inúmeras formas pelas quais as ideias são codificadas antes de sua divulgação. Considerando-se que as pessoas têm dificuldade em entender certas ideias complexas, procura-se simplificá-las. Tal simplificação pode ser em maior ou menor grau, dependendo do público-alvo. Dessa forma, a propaganda busca difundir apenas o essencial do conteúdo de uma ideologia, selecionando algumas ideias principais, limitando-se a uma ou se limitando a uma mera representação simbólica (GARCIA, 1999).

Declarações, programas e manifestos são exemplos de simplificação, onde se destacam as ideias centrais de certa ideologia. Por exemplo o “Credo” da Igreja Católica contém as ideias básicas defendidas por esta religião (GARCIA, 1999).

Ainda de acordo com Garcia (1999), buscando por uma maior simplificação, tem-se como exemplo a “palavra de ordem”, que é uma expressão curta e que contém a ideia principal de um determinado objetivo a ser atingido naquele momento. O *slogan*, outra forma de simplificação, contém apelos sentimentais referentes a amor, ódio, indignação ou entusiasmo do público-alvo. Em complemento, Brasil (2017), diz que o *slogan* tem a finalidade de criar condições psíquicas que ajudem na aceitação da ideia principal da propaganda, facilitando o entendimento pelo público-alvo. Uma característica de seu emprego é a repetição que busca provocar condicionamentos psíquicos e reações desejadas do público-alvo.

Segundo Garcia (1999), a forma mais abreviada para exprimir uma ideia é o símbolo. Ele resume uma ideologia ou a representa. De acordo com Brasil (2017), o símbolo pode ser visual ou auditivo e deve ser de fácil identificação pelo público-alvo. É adequado para ser empregado para atingir receptores de menor nível cultural. Deve ser simples, visando uma

maior aceitação e a fim de que as pessoas possam desenhá-los facilmente, deve ser sugestivo, ou seja, de fácil entendimento por todos, deve ser inalterável, de forma que não possa ser facilmente modificado ou ridicularizado e deve ser popular, angariar a simpatia do público-alvo, a fim de contribuir para uma rápida disseminação.

Devido à sua simplicidade, o símbolo é muito usado na propaganda, pode ser impresso em jornais, panfletos, nas bandeiras, pintado nas paredes e muros, pode ser utilizado como distintivo nas roupas. Ele difunde a ideia a que se refere de forma ampla e rápida (GARCIA, 1999).

A equipe de propaganda deve levar em consideração o fato de que as ideias difundidas podem ir de encontro a outras previamente existentes, por serem diferentes ou mesmo contraditórias. (GARCIA, 1999). Portanto, vale ressaltar mais uma vez a importância da inteligência no levantamento dos diversos aspectos do público-alvo.

Sobre esse aspecto, Linebarger (1962) afirma que a propaganda deve estar sempre de acordo com o que está em voga na região do público-alvo e de acordo com a cultura local, seja com o linguajar, com as músicas mais ouvidas, com as leituras habituais ou ainda com os assuntos mais comentados. O emprego de gírias ou termos em desuso ou desatualizados podem se tornar um grande passo para o fracasso da ação. Com isso, é fundamental que a equipe responsável pela ação em determinada região seja profunda conhecedora dos costumes locais, tal conhecimento pode ser obtido por meio da leitura de publicações recentes sobre o local, ouvindo-se os prisioneiros de guerra e analisando as transmissões de rádio do inimigo para o povo local.

Os grupos, ao propagarem suas ideias, geralmente evitam que os receptores possam enxergar a realidade por outro ponto de vista diferente daquele proposto. Isso é feito obstruindo o surgimento de outras ideologias e neutralizando a difusão das já existentes (GARCIA, 1999).

O autor diz ainda que

Através do “controle ideológico” o emissor manipula todas as formas de produção e difusão de ideias, garantindo a exclusividade na emissão das suas próprias. Procura, dessa forma, evitar a possibilidade de que os receptores venham a receber, ou mesmo produzir, outra ideologia que os oriente contra os interesses do emissor. A partir daí as mensagens são emitidas através da “difusão”, que procura atingir o mais rapidamente possível um maior número de pessoas (GARCIA, 1999, p.25).

Ainda segundo o autor, o controle ideológico visa fazer com que o público-alvo não consiga perceber sua realidade e, assim, fique incapaz de formar sua própria opinião.

Quando as pessoas não têm acesso às informações diversas, ficam com uma visão deturpada da realidade, direcionada a agir dentro dos padrões de interesse das equipes de propaganda. (GARCIA,1999).

Uma das formas de controle ideológico é a pressão psicológica. Esta atua sobre o público-alvo, tirando dele a capacidade de análise, tornando-o passivo e submisso a fim de que receba a mensagem da propaganda. Sob pressão, tensão nervosa, temor, cansaço físico e mental as pessoas perdem senso crítico ou este tende a ser diminuído e não têm capacidade de avaliar ou criticar os fatos, aceitando, com passividade, o que lhe é apresentado. A propaganda se vale das diversas formas de pressão visando a neutralização do senso crítico do público-alvo e assim convencê-los das ideias propagadas. (GARCIA,1999).

Com o passar do tempo, o público-alvo passando a dar crédito às notícias, começa a haver um relacionamento de confiança entre este público e quem faz a propaganda, tornando cada vez mais eficazes as ações de Op Psc.

A propaganda deve ter um conteúdo de algo novo e que desperte o interesse do público-alvo, não pode ser agressiva, deve angariar a simpatia das pessoas e conseqüentemente a confiança. Deve levar às regiões, às vezes carentes, arrasadas pela fome e pela guerra, a esperança de dias melhores. (LINEBARGER, 1962).

2.5.2 Contrapropaganda

A contrapropaganda tem a finalidade de se opor à propaganda adversária, anular seus efeitos, impedindo que a mensagem do inimigo produza os efeitos desejados, se possível que tenha um efeito contrário ao inicialmente desejado (BRASIL, 2017). Esta definição é semelhante a de Garcia (1999) que diz que ela deve suavizar a propaganda adversária, empregando técnicas específicas, anulando seu efeito persuasivo e que se caracteriza algumas vezes sob a forma do temor, informando que as intenções inimigas se concretizadas podem causar sérios danos às pessoas ou à região em lide.

A contrapropaganda é empregada transmitindo-se mensagens que visam gerar reações negativas no público-alvo ou despertar dúvidas acerca das ideias adversárias ou até mesmo de personalidades influentes, por exemplo líderes políticos, sugerindo que sejam falsas, irreais ou absurdas. (GARCIA, 1999).

Em último caso, a contrapropaganda deverá minimizar os efeitos obtidos pela propaganda inimiga. Rapidez é fundamental nesse processo (BRASIL, 2017).

Dessa forma, verifica-se que as Op Psc devem ser planejadas para influenciar as emoções do público-alvo, mudar sua percepção acerca da forma como a qual enxergam os fatos, passando a enxergá-los sob a ótica de quem faz a propaganda, a fim de que tomem atitudes e que se comportem de acordo com a vontade do propagandista. É desejável que a propaganda seja simples e de fácil entendimento, tomando-se as devidas precauções para não surtir o efeito contrário, sendo vetada qualquer mensagem de cunho ofensivo. Há também a forma de persuasão pela pressão psicológica, mas seu uso deve ser muito bem avaliado. Qualquer que seja a forma de se atingir o público-alvo, o *feedback* das Op Psc deve ser buscado, seja por meio de atividades de inteligência ou por entrevistas com prisioneiros de guerra, a fim de que possa ser feita uma avaliação e os devidos ajustes.

E, a fim de evitar os efeitos da propaganda inimiga, a contrapropaganda deve se

interpor de forma rápida para que possa ser eficaz.

3 PRIMEIRA GUERRA DO GOLFO: ANTECEDENTES E A OPERAÇÃO TEMPESTADE NO DESERTO

Este capítulo abordará os fatores que levaram à Primeira Guerra do Golfo e o desenrolar, propriamente dito, desta guerra. Para um melhor entendimento serão levantados aspectos desde a Guerra Irã-Iraque, os desentendimentos entre o Iraque e o Kuwait, que o levaram a ser invadido, e a Operação Tempestade no Deserto.

3.1 A Guerra Irã-Iraque

O ano de 1979 marcou a ascensão de Saddam Hussein à presidência do Iraque e a ascensão do regime fundamentalista Xiita ao poder no Irã, por meio da revolução iraniana, transformando o país em uma república islâmica teocrática. Revolucionários iranianos incentivavam xiitas iraquianos descontentes a se manifestarem contra o regime de Saddam. Assim que a monarquia iraniana foi derrubada, Saddam denunciou o Tratado da Argélia, assinado em 1975, que resolvia em favor do Irã a questão da fronteira entre os dois países, na região do Canal de *Shat al-Arab*, saída do Iraque para o Golfo Pérsico. O presidente iraquiano exigia a restauração da fronteira, à margem oriental do canal. Depois de diversas violações fronteiriças de ambas as partes, o Iraque atacou seu vizinho em 22 de setembro de 1980 (SCHUBERT; KRAUS, 1995).

Desde o início da guerra, o Iraque contava com o apoio dos demais Estados árabes do entorno do Golfo pérsico. O apoio do Kuwait e da Arábia Saudita se deu de forma mais contundente, permitindo ao Iraque a utilização de seus portos para apoio logístico de armas e escoamento de petróleo, além de grande apoio financeiro, da ordem de dezenas de bilhões de dólares (SCHUBERT; KRAUS, 1995). A necessidade desse apoio, principalmente do Kuwait e

da Arábia Saudita, só aumentava com o prolongar da guerra, sobre a qual Saddam propagava a ideia de que era, na verdade, uma luta contra o fundamentalismo islâmico, do qual ele tentava proteger tanto seu governo quanto os dos demais parceiros. Estes empréstimos, na verdade, colocavam o Iraque em situação financeira cada vez pior e com o passar dos anos a situação só agravava, mas a chegada ao “fundo do poço” foi postergada porque Saddam convencera seus vizinhos a continuarem lhe concedendo créditos e posteriormente conseguiu o apoio dos EUA. (KEEGAN, 2005).

A imagem de Saddam perante a opinião pública internacional era muito negativa pelo fato de ter empregado armas químicas contra a tropa iraniana em uma tentativa de retomar as ilhas *Manjun*, próximas a *Basra*, capital do sul Xiita. Entretanto, esta imagem negativa era atenuada diante da maior agressividade dos seus inimigos, que possuíam fortes ligações com grupos terroristas islâmicos anti-Occidente. O fato de Líbia e Síria darem abrigo a esses extremistas acabavam por relegar a Saddam o protagonismo na tarefa de manter a estabilidade na região do Oriente Médio (KEEGAN, 2005).

Os demais países do Golfo, receosos de uma influência iraniana junto às suas populações com ideais fundamentalistas e contra monarquias, aumentaram as doações ao Iraque. A antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (U.R.S.S) passou a apoiar Saddam com armamentos de alta tecnologia, inclusive mísseis capazes de atingirem as principais cidades do Irã, a partir de bases iraquianas. A França vendeu para o Iraque aviões bombardeiros que aumentaram sobremaneira a capacidade iraquiana de atacar navios petroleiros inimigos (KEEGAN, 2005).

As relações diplomáticas entre os EUA e o Iraque foram restabelecidas em 1984, após 17 anos. Isso se deu devido à preocupação norte-americana com uma possível vitória do Irã e a conseqüente ameaça ao seu suprimento de petróleo (SCHUBERT; KRAUS, 1995).

Em 1987 a dívida externa do Iraque era de três vezes o valor de seu Produto Interno

Bruto (PIB) (EUA, 2007). O País estava falido, seus principais credores EUA, URSS e Arábia Saudita permitiam que fossem pagos apenas os juros da dívida, a fim de que Saddam mantivesse seu poder de compra no exterior e continuasse a lutar, pois esses países não estavam interessados em uma vitória do Irã (KEEGAN, 2005).

Em julho de 1988, o Irã , já sem muita disposição de lutar (DUNN,2009), e com perdas humanas da ordem de 1 milhão de pessoas, aceitou o cessar-fogo (KEEGAN, 2005), mas com a promessa de reestruturar suas forças armadas e com a possibilidade de reacender a guerra no futuro (DUNN, 2009).

A guerra terminou com um Iraque forte militarmente na região, entretanto com sua economia arrasada, tendo acumulado uma dívida estimada em cerca de 70 bilhões de dólares (SCHUBERT; KRAUS, 1995). Ainda segundo o autor, a capacidade industrial do Iraque estava severamente debilitada, havia uma dependência econômica muito grande de seus vizinhos que o concederam empréstimos para bancar a guerra contra o Irã.

3.2 Desentendimentos entre o Iraque e o Kuwait

Pelo fato de ter contido a expansão iraniana, Saddam se considerava o grande defensor dos demais países da região e, por conseguinte, esperava uma atitude de gratidão por parte deles, como por exemplo a não exigência do pagamento dos empréstimos concedidos ao longo dos anos em que esteve em guerra contra o Irã. Além disso, exigia uma ajuda extra, no intuito de reerguer seu país. Estes países percebendo que não seriam ressarcidos pelo Iraque decidiram aumentar suas produções de petróleo, indo de encontro a acordos de estabilização de preços estabelecidos pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) (KEEGAN, 2005). Com o aumento da oferta no mercado, obviamente os preços caíram, o que afetava mais ainda a economia iraquiana altamente dependente desta *commodity*.

A cidade de *Shat al Arab* estava em ruínas e o Iraque necessitava de um novo acesso ao mar. Voltou-se então para a sua fronteira com o Kuwait (SCHUBERT; KRAUS, 1995). Ainda segundo os autores,

Além de exigir compensações por receitas supostamente perdidas por causa da venda de petróleo pelo Kuwait, excedendo cotas estipuladas pela OPEP, e pela retirada de petróleo de campos reivindicados pelo Iraque, o governo de Saddam Hussein renovou sua pretensão sobre as ilhas *Bubiyah e Warbah*. (SCHUBERT; KRAUS, 1995, p. 62).

Em 17 de julho de 1990, Saddam reforçou a ameaça ao Kuwait em um discurso na televisão, dizendo que suas reclamações não eram o último recurso e que estava disposto a tomar atitudes mais efetivas para que suas exigências fossem atendidas (KEEGAN, 2005).

Em 2 de agosto de 1990 o Iraque invade o Kuwait e anexa o país vizinho, declarando que este não mais existe como um país independente (SCHUBERT; KRAUS, 1995).

O referido ato foi rechaçado imediatamente pela opinião pública internacional e o Conselho de Segurança da ONU⁷ emitiu a resolução número 660, em que exigia a retirada imediata das tropas iraquianas. O Iraque não cumpriu esta determinação e passou a sofrer um embargo comercial e financeiro. Além disso, o Conselho autorizou o emprego da força caso o Iraque não retirasse suas tropas até 15 de janeiro de 1991. (LAFER, 2002).

O Iraque possuía um exército numeroso e bem equipado. Após a invasão, a Guarda Republicana⁸ assumiu um posicionamento na fronteira entre o Kuwait e a Arábia Saudita, dando a entender que se preparavam para um possível avanço na direção do Bahrein, do Qatar e dos Emirados Árabes Unidos. Cerca de metade das reservas mundiais de petróleo conhecidas à época estavam nas cercanias do poder do presidente iraquiano (KEEGAN,2005).

⁷ O Conselho de Segurança é o órgão da ONU responsável pela paz e segurança internacionais. Ele é formado por 15 membros: cinco permanentes, que possuem o direito a veto – Estados Unidos, Rússia, Reino Unido, França e China – e dez membros não-permanentes, eleitos pela Assembleia Geral por dois anos. Este é o único órgão da ONU que tem poder decisório, isto é, todos os membros das Nações Unidas devem aceitar e cumprir as decisões do Conselho (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2008).

⁸ A Guarda Republicana é o núcleo das forças armadas iraquianas, com os homens mais bem treinados, motivados e com os melhores equipamentos (UOL, 2003).

Saddam passou a negar vistos de saída aos estrangeiros que estavam no Iraque, explicando que aquelas pessoas se tornaram “convidados” dos iraquianos e elas foram espalhadas por diversos complexos militares e industriais estratégicos, obviamente alvos em um eventual bombardeio ao seu país. Com isso, a sua imagem junto à opinião pública internacional degradava ainda mais (JOHNSON, 1997). Certamente seu objetivo era usar esses estrangeiros como escudos humanos e desencorajar um possível ataque contra estas posições estratégicas.

Saddam Hussein tentava, sem sucesso, invocar um pan-arabismo, uma vez que se considerava o guardião do nacionalismo árabe e até mesmo líder religioso muçulmano. Tentou ainda estabelecer uma relação entre seu conflito com o Kuwait com a guerra árabe-israelense, bombardeando Israel com mísseis *Scud-B*⁹. Apelou até mesmo para uma possível parceira com o Irã, se comprometendo a devolver territórios, mas nada conseguiu, apesar dos aiatolás considerarem tanto os EUA quanto o Ocidente em geral como inimigos (KEEGAN, 2005).

Saddam ficou cada vez mais isolado, rejeitou todas as tentativas pacíficas de restabelecimento da paz. Em um discurso antes da invasão da Força de Coalizão o presidente norte-americano George Bush disse que a guerra era justa e moral (JOHNSON, 1997).

Declarou ainda que a guerra tinha o objetivo de fazer com que as tropas iraquianas deixassem o Kuwait e de restabelecer o governo legítimo neste país (JOHNSON, 1997).

Ainda de acordo com Johnson (1997), George Bush justificou a guerra dizendo que o embargo econômico não surtiu efeito e que nem deveria surtir a curto prazo, que as tropas de Saddam estariam cometendo uma série de assassinatos e barbáries no Kuwait, que havia a real possibilidade de emprego de armas químicas pelo Iraque, haja vista que o Iraque empregara recentemente contra o Irã e contra os curdos em seu próprio território e havia indícios de que o

⁹ O míssil *Scud-B* é de concepção soviética, com alcance de 288 quilômetros, com uma probabilidade de 50% de que caia num círculo de quase 3,5 quilômetros do alvo. (BLACKWELL, 1991, p.43).

Iraque pudesse ter posse de artefato nuclear.

3.3 A Operação Tempestade no Deserto

A Operação Tempestade no Deserto substituiu a Operação Escudo do Deserto, tendo esta sido iniciada em 10 de agosto de 1990, quando foi criado e ativado o 22º Comando Logístico em *Dhahran*, na Arábia Saudita, responsável por toda a logística do Teatro de Operações do conflito que se avizinhava (ZARPELÃO, 2010). Ainda segundo o autor, a tarefa dessa operação era coordenar a chegada das principais unidades e o apoio logístico a ser fornecido pelos aliados e pela Arábia Saudita, com os EUA liderando toda a coordenação.

Ainda no mês de agosto, os EUA já tinham todo o planejamento da campanha de guerra escriturado, era a Operação Tempestade no Deserto. Seu mentor foi o General Norman Schwarzkopf, que foi também o comandante da Força de Coalizão. O sucesso dessa operação dependia do implemento e execução da Operação Escudo do Deserto, onde foi estabelecido um eficiente sistema de bases de apoio em pontos estratégicos do teatro de operações, fornecendo suprimento contínuo de gêneros alimentícios, água, combustíveis, munições e demais demandas que se fizessem necessárias (ZARPELÃO, 2010).

Em 15 de janeiro de 1991 expirou o prazo dado pela ONU para que o Iraque se retirasse do Kuwait, a Operação Escudo do Deserto, com seu suporte logístico estava pronta (ZARPELÃO, 2010) e no dia 17 de janeiro deste mesmo ano iniciou-se a Operação Tempestade no Deserto, quando centenas de aviões iniciaram o bombardeio sobre o Iraque. Os ataques visavam alvos estratégicos tais como o aeroporto de Bagdá e uma refinaria de petróleo. Duas horas depois do início dos ataques, o presidente norte-americano George Bush fez um pronunciamento na televisão dizendo que o objetivo dos aliados era fazer com que as tropas iraquianas deixassem o Kuwait e que fosse restaurado neste país um governo legítimo (BBC,

2006).

Em Bagdá, Saddam instigava seu povo a lutar contra o mal, ou seja, os aliados na visão dele, e dizia que a “mãe de todas as batalhas havia iniciado”, que seria a guerra da Força de Coalizão contra o seu país (BBC, 2006).

A primeira fase da operação, que durou até 24 de fevereiro daquele mesmo ano, consistiu exclusivamente de uma campanha aérea, onde a Força de Coalizão não encontrou muita oposição. (KEEGAN, 2005).

A campanha aérea foi dividida em 4 partes. A primeira fase visava alvos estratégicos no Iraque, a fim de neutralizar qualquer possibilidade de os iraquianos pudessem montar sua própria campanha aérea. Para tal, os aviões de Saddam deveriam ser destruídos ainda no solo. Outro objetivo dessa fase era afetar a estrutura de comando e controle do governo, destruindo a central de telecomunicações de Bagdá, bem como destruição das linhas de transmissão de televisão, rádio e telefone, em pontos estratégicos pelo país (BLACKWELL, 1991).

Keegan (2005) acrescenta que nessa fase foram alvos também centros de pesquisa e desenvolvimento de armas biológicas, químicas e nucleares, indústria bélica, pontes e estações ferroviárias, além de prédios do governo.

A segunda fase visava destruir os pontos de defesa aérea no Teatro de Operações do Kuwait (KTO), a fim de que os aliados garantissem que não haveria resistência e pudessem ter livre acesso ao espaço aéreo sobre as tropas iraquianas (BLACKWELL, 1991).

Em paralelo aos bombardeios, desenvolviam-se as Op Psc. O 4º Grupo de Op Psc efetuava transmissões com apelos de rendição, assediando os iraquianos, prometendo bons tratamentos aos que se rendessem (ROUSE, 2014).

Uma característica muito importante da campanha aérea foi a utilização de armas com elevada precisão, mísseis com sistema próprio de orientação e bombas guiadas por laser. As margens de erros eram ínfimas (KEEGAN, 2005). Em que pese o uso dessas armas, milhares

de civis iraquianos foram mortos e diversas construções não militares também foram destruídas, no que os EUA chamaram de falhas das “armas inteligentes” (ZARPELÃO, 2010).

O destino de ataque dos mísseis *Scud* iraquianos eram as instalações militares norte-americanas localizadas na Arábia Saudita e alvos civis em Israel. Em um dos ataques 28 militares norte-americanos morreram em *Dhahran*. Os ataques contra Israel tinham o objetivo de provocar o envolvimento do país no conflito, o que levaria à saída dos demais países árabes da Força de Coalizão, no entendimento de Saddam Hussein (KEEGAN, 2005).

A terceira fase da campanha aérea tinha o objetivo de isolar o exército iraquiano que se encontrava no Kuwait, cortando seu apoio logístico, atacando pontes e rodovias (BLACKWELL, 1991).

Na quarta fase entrava em ação a força terrestre junto com os meios aéreos, a fim de que destruíssem o que ainda restasse de meios iraquianos no KTO, visando forçar militares iraquianos a saírem do Kuwait (BLACKWELL, 1991). Nessa fase o Exército da Coalizão expulsaria os invasores do Kuwait. Era um embate convencional e as tropas iraquianas mostraram pouca ou nenhuma resistência, principalmente nas fronteiras com o Kuwait e a Arábia Saudita.

Ao final do mês de fevereiro a situação militar do Iraque estava demasiadamente degradada. Em 28 de fevereiro o presidente norte-americano se propôs a instituir um cessar-fogo, desde que o Iraque interrompesse os ataques com mísseis *Scud* e cessasse as hostilidades. Sem saída, Saddam aceitou a proposta (KEEGAN, 2005).

De acordo com Keegan (2005), os aliados deram a oportunidade de Saddam se fortalecer novamente, uma vez que sua saída do poder não fora uma exigência para o fim do conflito. Segundo Ebraico (2005), os EUA receavam de que houvesse uma divisão do Estado iraquiano por causa dos crescentes levantes dos Curdos e Xiitas, que se desenrolaram posteriormente à guerra, o que poderia gerar uma desestabilização na área do Golfo Pérsico e

que poderia levar a uma nova intervenção dos norte-americanos. Os serviços de inteligência alertaram os EUA e a Arábia Saudita sobre o fato de que grupos bem treinados do Irã já se encontravam no Sul do Iraque para colaborar em uma revolta xiita. Os norte-americanos não desejavam uma vitória xiita no Iraque, pois isto acarretaria um aumento de poder e influência do Irã na região. Então, de acordo com Keegan (2005), os EUA viam em Saddam um escudo contra a ameaça expansionista dos aiatolás e única opção, naquele momento, para conseguir governar o Iraque e pacificar xiitas, sunitas e curdos.

Esse interesse norte-americano permitiu que Saddam utilizasse helicópteros de combate e uma artilharia pesada para massacrar os rebeldes no Norte e no Sul do país (EBRAICO, 2005). Ainda de acordo com o autor, a ONU se limitou a executar algumas sanções econômicas contra o Iraque e manter o embargo ao seu petróleo como forma de retaliação por atacarem seu próprio povo. Ficava claro que a preocupação dos EUA com a invasão do Kuwait pelo Iraque passava longe de ser por motivos humanitários, mas sim por receio de o Iraque ampliar seu poder na região e monopolizar a produção de petróleo, item vital para os norte-americanos.

Em maio de 1991 foi iniciado pela Comissão Especial das Nações Unidas para o Desarmamento (UNSCOM)¹⁰ o trabalho de identificar o andamento do programa de armas não convencionais do Iraque. Saddam não se opôs, em princípio, à inspeção, pois estava focado em reprimir as revoltas internas. Mas, em paralelo, planejou um programa para ludibriar os inspetores, dispersando material proibido, ocultando documentos e adestrou o pessoal envolvido no desenvolvimento dessas armas a responder de forma evasiva às perguntas perspicazes dos inspetores (KEEGAN, 2005).

A inspeção da UNSCOM era bastante rigorosa e os iraquianos acabaram tendo que

¹⁰ Comissão estabelecida pelo Conselho de Segurança da ONU sobre o desarmamento do Iraque, com poderes de inspeção sem aviso prévio. (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2011).

destruir parte do material secreto. Outra parte do material Saddam escondeu em seus palácios, os quais ele declarou como sendo imunes à inspeção. Com isso, a Comissão não pôde garantir que o Iraque estava livre das armas de destruição em massa, o que levou à grandes discussões sobre o tema e culminou com a Guerra do Golfo de 2003 (KEEGAN, 2005).

O grande sucesso da Operação Tempestade no Deserto deveu-se à enorme superioridade militar da Força de Coalizão, mas um outro fator que deve ser levado em consideração e que foi preponderante foram as ações de Operações Psicológicas, responsáveis por um grande número de rendições e deserções do lado iraquiano e que serão abordadas no capítulo seguinte.

4 AS AÇÕES DE EMPREGO DAS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS NA OPERAÇÃO TEMPESTADE NO DESERTO

Neste capítulo será abordado o emprego das OpPsc na Operação Tempestade no Deserto pela Força de Coalizão. O grande instrumento utilizado foi a propaganda e que tinha como objetivos estimular a rendição, deserção e desistência de lutar por parte dos militares iraquianos, semear discórdias entre estes militares de forma quebrar sua unidade, mostrar que a capacidade da Força de Coalizão era muito superior à das Forças Armadas do Iraque, convencer os militares Iraquianos de que a Força de Coalizão não tinha nada contra eles, mas sim contra Saddam e seu governo e evitar que os militares iraquianos cometessem crimes de guerra. Para isso serão apresentadas as mídias de divulgação das operações, os temas utilizados, o feedback fornecido pelos prisioneiros de guerra e o efeito do bombardeio aéreo sobre o moral e a motivação dos militares iraquianos.

4.1 Mídias de divulgação

As mídias utilizadas durante a Operação Tempestade no Deserto foram basicamente panfletos e transmissões via rádio (HOSMER, 1996). Ainda de acordo com o autor, cerca de 29 milhões de panfletos foram lançados sobre o Kuwait e no sul do Iraque por aeronaves da Força de Coalizão e 3 milhões de panfletos extras no norte do país, a partir de aeronaves baseadas na Turquia. No anexo B constam exemplos de panfletos utilizados por ocasião da Operação Tempestade no Deserto.

De acordo com Johnson (1997), uma vez que o inimigo recebe o panfleto com apelo de rendição e o guarda consigo, mentalmente ele já se rendeu e aguardará apenas uma oportunidade.

Para transmissões de rádio, foram utilizadas seis plataformas: duas aeronaves tipo “EC-130E Volant Solo” e quatro estações de rádio terrestres (duas na Arábia Saudita e as demais na Turquia) (HOSMER, 1996).

As aeronaves EC-130E retransmitiam programas da estação terrestre principal, localizada na Arábia Saudita, mas seu alcance era limitado por ter que ficar fora do raio de alcance das baterias antiaéreas iraquianas (HOSMER, 1996).

De acordo com Rouse (2014), no dia 19 de janeiro de 1991, o 4º Grupo de OpsPsc da Força de Coalizão iniciou a transmissão da “Voz do Golfo” por rádio, onde a maior parte das transmissões era realizadas por locutores sauditas, egípcios ou kuwaitianos, de forma a passar uma maior familiaridade aos iraquianos, não causar estranheza, soar de forma natural a transmissão com o uso correto da língua árabe, a fim de afetar a percepção dos soldados iraquianos de forma que eles sentissem confiança naquelas transmissões.

As combinações de meios de transmissão também foram utilizadas, ou seja, um meio complementava o outro e foi observado que transmitir as mesmas mensagens nos mais distintos meios de comunicação aumentava a sua credibilidade e eram mais persuasivas, pois uma reforçava a outra (HAULMAN, 2003). Com maior credibilidade elas se disseminavam mais facilmente.

Do outro lado, Saddam Hussein utilizou uma mulher para efetuar as transmissões, a “Bagdá Betty”, para disseminar uma propaganda visando deter e desiludir seu inimigo. Porém, diferentemente da propaganda realizada pela Força de Coalizão, o Iraque não se valeu de especialistas da área de psicologia, qualificados na dinâmica inconsciente do comportamento e motivação humanos e conhecedores dos valores e costumes da cultura ocidental, ou seja, da maioria dos países da Força de Coalizão. Com isso, não surtiu efeito sobre as tropas aliadas (ROUSE, 2014).

4.2 Temas de Operações Psicológicas utilizados

Conforme pode ser observado no anexo A, cerca de 25,6 milhões (88%) dos 29,1 milhões de folhetos disseminados pela Força de Coalizão na Guerra do Golfo enfatizaram um ou mais dos seguintes temas principais: apelos para rendição, a inevitabilidade da derrota do Iraque, a responsabilidade de Saddam Hussein pela guerra e advertências para as tropas abandonarem seus equipamentos e fugirem (HOSMER, 1996).

Ainda de acordo com Hosmer (1996), os apelos para rendição foram indubitavelmente os mais eficazes das Op Psc, pois contribuíram sensivelmente para reduzir a ansiedade dos militares iraquianos acerca de como seriam tratados como prisioneiros de guerra. Esses folhetos mostravam abundância de comida e água do lado da Força de Coalizão, em forma de desenho animado, transmitindo de forma simplificada a ideologia que se desejava impor, buscando sempre facilitar a compreensão do público-alvo. Johnson (1997) dizia que os panfletos jogados sobre as posições iraquianas listavam comidas e outros tipos de conforto que seriam oferecidos aos que se rendessem (FIG. 1, 3 e 4).

Ainda de acordo com Johnson (1997), os panfletos além de trabalharem com sucesso o lado emocional dos militares iraquianos, também continham apelos para a cessação da resistência e instruções bem claras sobre como se renderem, (FIG. 4), para evitar mortes desnecessárias. Eram instruções explícitas a serem seguidas sobre como agir quando se aproximassem das forças da coalizão durante a rendição. Foram ainda emitidas advertências às forças iraquianas para evitar campos minados ao longo das regiões fronteiriças, em mais uma demonstração de que o objetivo dos aliados eram os equipamentos militares, a resistência militar iraquiana e não cada soldado individualmente. Com isso, aumentava a confiança dos iraquianos nos militares da Força de Coalizão e eles ficavam mais propensos a se renderem.

As transmissões da “Voz do Golfo” também visavam o incentivo a deserções e

rendições. O conteúdo das mensagens de rádio explorava o fato de que muitas unidades iraquianas estavam próximas da fronteira com a Arábia Saudita e que uma caminhada de poucas horas na direção de Meca seria o suficiente para que se rendessem em segurança (HOSMER, 1996). A direção de Meca é conhecida pelos muçulmanos e, explorando o aspecto religioso, a direção a esta cidade sagrada remetia em dobro a uma sensação, percepção de segurança, ou seja, a equipe de Op Psc da Força de Coalizão estava explorando o conhecimento que detinham acerca dos valores e crenças do seu público-alvo e assim influenciava suas emoções.

Outro tema bastante utilizado foi acerca da inevitabilidade da derrota do Iraque. Panfletos com a mensagem de que os Estados da Força de Coalizão estavam unidos e que detinham um poder supremo, contra o qual o Iraque não podia fazer frente. Eram panfletos contendo desenhos das aeronaves, helicópteros e tanques da Coalizão atacando as defesas iraquianas, explorando nestes panfletos o uso da imagem a fim de tornar mais fácil a compreensão da mensagem (HOSMER, 1996).

Cerca de 15% dos panfletos lançados sobre o KTO abordavam a responsabilidade de Saddam Hussein perante a guerra (HOSMER, 1996). Johnson (1997) corrobora com essa informação ampliando que os panfletos atribuíam ao presidente iraquiano e a sua atitude de invadir o Kuwait a grande causa de tamanho sofrimento, tais como doenças, mortes e fome na região.

Parte dos panfletos solicitava aos militares iraquianos que abandonassem suas armas e equipamentos e que fugissem de suas posições. Esse tipo de panfletos normalmente era lançado de forma coordenada com os bombardeios aéreos. E no dia seguinte aos bombardeios, novos panfletos eram lançados para lembrar aos iraquianos que a promessa do ataque avisada nos panfletos originais fora cumprida (HOSMER, 1996). O objetivo era fazer com que nos próximos avisos prévios de ataque ocorressem mais abandonos, diminuição da resistência e, de acordo com Perry (2000), criava no soldado iraquiano a percepção de que os alvos da Força de

Coalizão eram os meios militares e não as pessoas.

Por ocasião da ofensiva terrestre, panfletos lançados prometiam um retorno seguro para casa aos militares iraquianos que se rendessem (HOSMER, 1996).

Além dos temas abordados, merecem destaque ainda os temas relacionados à fraternidade árabe, onde se fazia a propaganda de que os parceiros árabes da coalizão desejavam um ambiente fraternal com os árabes iraquianos, (FIG.2); preocupação do militar iraquiano em voltar bem para o convívio de seus familiares; advertências acerca dos crimes de guerra cometidos contra o Kuwait, bem como apelos para não utilização de armas químicas, onde os responsáveis seriam punidos (HOSMER, 1996). Era uma pressão psicológica que a Força de coalizão exercia, pois com os soldados inimigos sob tensão e com medo perdiam a capacidade de avaliar ou criticar os fatos, tendo seu senso crítico neutralizado, aceitando mais facilmente a ideia da propaganda aliada.

4.3 O *feedback* das Operações Psicológicas

Informações coletadas de prisioneiros de guerra iraquianos diziam que as operações psicológicas da Força de Coalizão sobre o Iraque foram eficazes, tinham um alto grau de confiabilidade junto ao público-alvo e um grande alcance, pois a grande maioria dos prisioneiros de guerra informaram que tiveram acesso a material de propaganda (HOSMER, 1996). De acordo com o autor, em uma pesquisa realizada após a guerra, com 250 prisioneiros, 98% deles tiveram contato com panfletos de Op Psc, 58% a transmissões de rádio com mensagens de Op Psc e 34% a transmissões de alto-falantes. Entretanto, o autor ressalta que estes números podem não refletir a realidade, pois estes prisioneiros estavam em uma região onde a densidade das Op Psc foi maior.

De acordo com Perry (2000) um general iraquiano, feito prisioneiro de guerra pelos

britânicos, teria dito que só os bombardeios aéreos afetavam mais o moral dos iraquianos do que as Op Psc. Hosmer (1996) disse que tanto o bombardeio quanto as Op Psc foram grandes responsáveis pela degradação do moral dos militares iraquianos e pela perda na vontade de lutar, em que pese o número de baixas iraquianas decorrente dos bombardeios aéreos ter sido pequeno. Quando a ofensiva terrestre iniciou houve pouquíssima resistência e houve rendição e deserções em massa.

Segundo Perry (2000), o *feedback* das Op Psc dado pelos prisioneiros de guerra através das entrevistas que eram realizadas permitiu o aprimoramento das táticas a serem utilizadas, como por exemplo a cor vermelha que deixou de ser utilizada nos panfletos, pois na cultura iraquiana o vermelho remetia a perigo, outro exemplo foi a figura de soldados sem barba no panfleto, que não transmitia uma imagem tão positiva quanto a de um militar barbado.

Os prisioneiros de guerra iraquianos diziam ainda que a Rádio Bagdá, que era grande parte do tempo bloqueada pela Força de Coalizão, não trazia muita confiabilidade e que confiavam mais nas mídias ocidentais, tais como a BBC, Rádio Montecarlo e Voz do Golfo. Ainda segundo eles, a propaganda iraquiana para levantar o moral de sua tropa surtia o efeito contrário, como por exemplo quando Saddam falou que os EUA não estariam dispostos a sacrificar seus soldados, ou seja, a percepção dos militares no KTO foi de que eles seriam sacrificados (HOSMER, 1996).

Nos dias finais da guerra as Op Psc continuavam a encorajar militares iraquianos a abandonar o combate. Em 20 de fevereiro de 1991, 3 homens de uma equipe, utilizando alto-falantes conseguiram fazer com que um batalhão de infantaria com 435 homens se rendesse. Em outra ocasião, uma equipe a bordo de um helicóptero equipado com alto-falante conseguiu com que 1.405 soldados iraquianos na Ilha de Faylaka se rendessem (HOSMER, 1996).

Uma precaução dos planejadores das Op Psc da Força de Coalizão era a de não denegrir a imagem dos militares iraquianos. A abordagem feita era a de que esses militares eram

homens bravos, corajosos e que “havia sido enganados pelo "mal" Saddam e que seriam recebidos com dignidade ao deixar a batalha” (HOSMER, 1996). Segundo Johnson (1997), os panfletos tinham o cuidado de fazer com que o soldado iraquiano não se sentisse um covarde ao se render. Inclusive os apelos falavam em termos de cessar a resistência em vez de falar em se render claramente.

Os panfletos da Coalizão mais eficazes eram os que "convidaram" os iraquianos a se renderem em se comparando com os panfletos acerca de ameaças de destruição no caso de não rendição (HOSMER, 1996).

Dentre esses panfletos mais amigáveis e eficazes estavam aqueles que prometiam banho e alimentação aos soldados iraquianos e, conforme revelado pelos próprios prisioneiros de guerra, os temas abordados pelas Op Psc abordavam exatamente os problemas da tropa iraquiana que estavam na frente de combate (HOSMER, 1996). Isso só foi possível graças às atividades de inteligência realizadas e às entrevistas com os prisioneiros de guerra que permitia o aprimoramento das Op Psc, conforme já mencionado anteriormente e que são fatores primordiais para o sucesso deste tipo de operação.

Hosmer (1996) estima que foram enviados ao KTO, no máximo, 400.000 militares iraquianos. De acordo com informações obtidas em entrevistas com prisioneiros de guerra, estima-se que cerca de 160.000 desertaram antes do *G-Day*¹¹ e cerca de 85.251 militares iraquianos se renderam ao longo da campanha terrestre, comprovando a eficácia das Op Psc que fizeram com que os militares iraquianos tivessem a percepção de que não valeria a pena lutar contra a Força de Coalizão se quisessem preservar suas vidas, uma vez que era uma força muito mais bem equipada, estruturada e treinada. Com essa desistência de lutar, o número de baixas iraquianas no KTO foi relativamente reduzido. Estima-se algo em torno de 10.000

¹¹ Dia do início da ofensiva terrestre pela Força de Coalizão (24 de fevereiro de 1991).

militares. Além das Op Psc, os armamentos modernos da Força de Coalizão permitiram que fossem realizados ataques com muita precisão reduzindo sobremaneira os danos colaterais.

Devido à pouca resistência por parte dos iraquianos, a campanha terrestre que fora planejada para durar cerca de duas semanas foi concluída em menos de 4 dias. O número elevado de deserções se deveu em parte ao baixo moral dos soldados iraquianos que já vinha desde antes do início dessa guerra e parte devido aos devastadores efeitos psicológicos da campanha aérea da Coalizão (HOSMER, 1996).

Dentre os fatores que contribuíram para o moral baixo dos militares iraquianos está o fato de que muitos deles eram veteranos reconvocados e que já estavam exaustos após 8 anos de luta contra o Irã e foram os primeiros a desertar. No KTO as condições de vida dos soldados de Saddam eram as piores possíveis, com alimentação inadequada, abuso por parte de militares de altas patentes, além das condições severas naturais do deserto. Outro fator que contribuía para baixar o moral era a consciência que eles tinham de que a Força de Coalizão possuía armamentos muito superiores tecnologicamente aos seus, obsoletos e mal conservados e que seria impossível para o Iraque fazer frente à tamanha força (HOSMER, 1996).

Todos esses aspectos contribuíram para o elevado número de deserções que iniciaram antes mesmo do desencadear da Operação Tempestade no Deserto.

4.4 Efeitos da campanha aérea sobre motivação e moral dos militares iraquianos

De acordo com Hosmer (1996), a campanha aérea visou preparar o terreno para a campanha terrestre, que viria a seguir e para isso buscou destruir metade do arsenal da Guarda Republicana, além de unidades do exército regular no KTO, tornar ineficaz o C3¹² nacional e

¹² C3 – Comando, controle e comunicações.

militar, destruir campos minados e trincheiras. Atacar os militares iraquianos propriamente ditos no KTO era um objetivo secundário da campanha aérea.

Ainda de acordo com o autor, em que pese a degradação do moral da tropa inimiga ser uma consequência das campanhas aéreas, este não era um objetivo explícito da Operação Tempestade no Deserto, pelo menos este objetivo não constava nos planejamentos e *briefings* preparados pelo Comandante da Força Aérea Componente e sua equipe. O colapso moral observado com o desencadear das ações desta campanha surpreendeu seus planejadores. Eles imaginavam que a degradação do poder de combate dos iraquianos viria da destruição de seus meios militares e não do moral dos soldados.

No entanto, alguns objetivos da campanha aérea foram designados a fim de afetar o moral dos militares iraquianos, tal como a destruição da Guarda Republicana, porque a degradação desta força, que era considerada de elite, causaria uma percepção nos demais militares de que seria impossível vencer a Coalizão. Além deste efeito psicológico, o General Schwarzkopf considerava a Guarda republicana como um centro de gravidade¹³ importante, pois eram consideradas as unidades iraquianas mais bem treinadas e mais eficazes no KTO, além de serem as tropas mais confiáveis e leais do regime de Saddam, e a mais importante ameaça ofensiva do Iraque e que poderia ditar os acontecimentos futuros na região do Golfo Pérsico.

De acordo com Johnson (1997), em uma tentativa de aumentar a pressão psicológica sobre os militares iraquianos e, por conseguinte, potencializar a campanha de desmoralização dessa tropa, foi decidido lançar algo enormemente devastador sobre eles, a bomba “BLU-82”¹⁴. Em princípio, o uso desta bomba não visava causar enormes baixas nos

¹³ Centro de gravidade é “um centro de poder e de movimento de que tudo depende [...] e é contra esse centro de gravidade do inimigo que se deve desferir o golpe concentrado de todas as forças”. (BRASIL, 2012, p.1-2).

¹⁴A bomba “BLU-82” é uma arma de destruição em massa (não nuclear), possui carga explosiva de 12.600 libras, causa morte imediata ou trauma corporal interno extremo para a maioria das pessoas expostas abertamente dentro de um raio uma milha, a partir de seu ponto de impacto. A 2 milhas do ponto de impacto, a onda de choque é

iraquianos, mas sim funcionar como uma ferramenta impactante de Op Psc, causando enorme terror. Conforme mencionado anteriormente, a pressão psicológica é uma forma de controle ideológico. O inimigo (público-alvo) fica sem condições de efetuar qualquer análise, tamanha a perturbação sofrida e se torna mais propenso a aceitar a mensagem que o propagandista deseja transmitir.

Na visão do General Schwarzkopf o bombardeio com B-52 contínuo, dia e noite, baixaria o moral das tropas iraquianas, principalmente com o uso das bombas BLU-82. A decisão por efetuar ataques tanto durante o dia quanto durante a noite tinha o objetivo de deixar a tropa iraquiana o tempo inteiro acordada e com isso aumentar seu nível de estresse (HOSMER, 1996).

Ainda de acordo com o autor, a campanha aérea mostrou aos militares iraquianos a superioridade da Força de Coalizão e a inutilidade de sua defesa antiaérea frente aos meios que os estavam atacando, mostrou que a derrota iraquiana era inevitável, intensificava cada vez mais as dificuldades das tropas iraquianas no KTO, afetando sensivelmente o apoio logístico e aumentava a incerteza e medo dos soldados acerca de sua segurança e a de seus familiares em seus lares.

De acordo com entrevistas realizadas com prisioneiros de guerra, eles ficaram impressionados com a sensação de onipresença das aeronaves da Coalizão, e diziam que isto era o principal motivo de degradação da sua moral, era um enorme estresse psicológico, pois as aeronaves ficavam rondando o tempo todo e eles não sabiam nem quando ou mesmo se seriam atacados. Relatavam ainda que quando ocorriam os bombardeios de 24 horas, eles ficavam privados de sono e de descanso, era enlouquecedor e alguns soldados tinham surtos nervosos. Os bombardeios realizados pelos B-52 eram sentidos a uma distância de cerca de 40

sentida como um forte soco. (JOHNSON, 1997, p.148).

quilômetros.

A ineficácia das armas de defesa antiaérea iraquianas também afetava sobremaneira o moral da tropa, pois percebiam que as aeronaves da Força de Coalizão poderiam atacar com facilidade qualquer alvo no Iraque, até mesmo a capital Bagdá, que possuía melhores recursos de defesa. Com o intuito de preservar suas vidas, algumas unidades de defesa antiaérea sequer disparavam contra as aeronaves inimigas, a fim de que sua posição não fosse descoberta e de que não fossem atacados (HOSMER, 1996).

Ainda segundo o autor, a intensidade dos ataques aéreos da Coalizão às unidades terrestres iraquianas e a incontestável superioridade aérea mostraram aos militares iraquianos a inevitabilidade de sua derrota, inclusive a Guarda Republicana percebera que esse domínio do ar tirava qualquer capacidade de combate de seu país. No deserto era impossível ocultar as unidades terrestres que ficavam extremamente vulneráveis aos ataques aéreos. Prisioneiros de guerra relatavam que a campanha aérea havia devastado seu moral e acabado com suas vontades de lutar.

A campanha aérea afetou ainda mais o já precário apoio logístico iraquiano às tropas no KTO. A escassez de alimentos intensificava ainda mais a falta de vontade e desespero do combatente. Militares começaram a sofrer problemas de desnutrição. O suprimento de combustível e água também severamente afetado, pois os caminhões de transporte eram alvos muito vulneráveis (HOSMER, 1996).

Conforme fora visto, tanto os bombardeios quanto as mensagens de Op Psc insistentemente atingiam as preocupações emocionais dos militares iraquianos, o medo, ansiedade, desespero, falta de esperança e abandono. Além de abordar as preocupações com o lado pessoal dos combatentes, tais como seus lares, distância da família, os panfletos apresentavam também soluções para que estes militares saíssem dessa situação, incentivando-os a se amotinarem contra a sua cadeia de comando. Foi uma medida que funcionou e em

entrevista com prisioneiros de guerra, muitos deles agradeciam à Força de Coalizão por terem os salvado e libertado das condições em que viviam (JOHNSON, 1997).

O autor comenta ainda que

A maioria dos combatentes iraquianos parecia certo de que, no final, os repetitivos convites da Coalizão eram a única alternativa razoável e possível para um exército iraquiano em apuros e desiludido. O testemunho esmagador dos prisioneiros de guerra permanece firme ao registrar que as tropas iraquianas não acreditavam que estivessem travando uma guerra santa contra a “América”, nem se viam como combatentes da liberdade dentro do Kuwait. A maioria eram homens extremamente mortais, cansados da guerra, consumidos com amargura e tristeza pelos muitos anos de dificuldades do Iraque, e pelo que eles simplesmente se referiam como ... “A guerra de Saddam”. (JOHNSON, 1997, p.34, tradução nossa)¹⁵.

A combinação de bombardeio aéreo intenso com a distribuição de panfletos, (FIG. 5) e transmissões por equipes com alto-falantes criou um ambiente de Op Psc muito favorável e que permitiu que ocorressem as inúmeras deserções e rendições (JONES; SUMME, 1994).

Ainda segundo os autores, diversos foram os indicadores de que as Op Psc tiveram um grande sucesso na Operação Tempestade no Deserto, tais como o moral dos cidadãos Kuwaitianos melhorou muito quando as operações começaram, os iraquianos acreditaram que a grande esforço principal da Força da Coalizão viria do mar, o grande número de desertores dentre militares iraquianos, mesmo sendo condenado a morte em caso de posse de panfletos, muitos dos soldados iraquianos portavam inúmeros panfletos, diversos prisioneiros de guerra relataram que ouviam a “Voz do Golfo” em busca de informações verdadeiras, dentre outros.

Dessa forma, observa-se que o emprego adequado das mídias e temas de Op Psc, elaborados por especialistas, foi de fundamental importância para o sucesso das operações, atingindo seu efeito desejado que era tirar do iraquiano a vontade de lutar. A eficácia das ações puderam ser atestadas através das entrevistas com os prisioneiros de guerra que transmitiam

¹⁵ No original em inglês: “But to most Iraqi combatants, it seemed assured that in the end, that the Coalition’s repetitive invitations were the only reasonable alternative available to an embattled and disillusioned Iraqi military. Overwhelming testimony stands firm in recording that Iraqi troops did not believe they were fighting a Holy War against America, nor did they view themselves as freedom fighters within Kuwait. Most were extremely mortal men, tired of war, consumed with bitterness and sorrow over Iraq’s many years of hardship, and over what they simply referred to as... “Saddam War”.”

muitas das vezes a informação de que era grande a confiança entre eles nas mensagens transmitidas pela Força de Coalizão, principalmente por causa dos avisos prévios dos bombardeios, cujo conteúdo, além de informar os horários dos ataques, trazia à ideia de que os ferir ou matar os militares iraquianos não era o objetivo principal dos aliados, mas sim seus armamentos e equipamentos militares.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho abordou o tema Operações Psicológicas, a partir de um estudo de caso referente ao seu emprego pelas Forças de Coalizão contra as tropas iraquianas durante Operação Tempestade no Deserto, realizada por ocasião da Primeira Guerra do Golfo (1991).

Primeiramente, no capítulo 2, foram mostrados conceitos acerca do tema em lide, explicitando que a identificação dos fatores psicológicos que possuem condições de afetar o comportamento humano é primordial para o sucesso das campanhas e que os principais fatores a serem identificados são a percepção, a motivação, o estresse e a atitude. Foram tratados ainda neste capítulo aspectos sobre a importância do processo de comunicação para atingir o público-alvo e que a eficácia da transmissão é fundamental para o atingimento dos efeitos desejados. Ressaltaram-se também as 4 etapas das Op Psc que são o planejamento, a preparação, a execução e a avaliação.

Outro aspecto de suma importância abordado foram os requisitos fundamentais de emprego das Op Psc que evidenciam a complexidade deste tipo de operação, onde se faz necessário o emprego de diversos tipos de especialidades profissionais, atividades de inteligência, que por si só têm uma grande dificuldade intrínseca, o planejamento centralizado que busca coerência dentre as diversas campanhas realizadas, a cuidadosa difusão e a necessidade de avaliação contínua para eventuais ajustes na condução das Op Psc. Por fim, no capítulo foram citados dois dos instrumentos utilizados neste tipo de operação que é a propaganda, a qual visa afetar as ideias e emoções de determinado público-alvo e a contrapropaganda que visa se contrapor a propaganda adversária.

No terceiro capítulo foram abordados aspectos referentes aos antecedentes da Primeira Guerra do Golfo, mostrando como o endividamento iraquiano, não reconhecido por Saddam, originado pela longa Guerra Irã-Iraque, somado à miséria que assolava o país e à

atitude dos membros da OPEP de reduzirem o preço do petróleo, principal fonte de receita iraquiana, levaram o ditador iraquiano a tomar a decisão de invadir o Kuwait. O capítulo abordou ainda a reação da Força de Coalizão, liderada pelos EUA e com respaldo do Conselho de Segurança da ONU, na tarefa de retirar as forças iraquianas do Kuwait, que foi a Operação Tempestade no Deserto, iniciada por uma campanha aérea seguida de uma campanha terrestre e que foi concluída pouco mais de um mês após seu início, com a retirada das tropas de Saddam do Kuwait. Entretanto, o ditador iraquiano continuou no poder, uma vez que os EUA viam nele uma proteção contra a expansão do regime fundamentalista iraniano.

O quarto capítulo abordou em maiores detalhes a execução das Op Psc pela Força de Coalizão e mostrou quão complexas são suas ações e que se empregadas de forma adequada podem alcançar o efeito desejado de fazer com que o público-alvo tenha a percepção que se deseja. As mídias utilizadas foram cuidadosamente escolhidas, bem como os temas abordados a fim de que não surtisses efeito contrário ao que se desejava. No capítulo foi abordada ainda a importância da entrevista com os prisioneiros de guerra na obtenção de um melhor *feedback* das Op Psc e o efeito devastador que a campanha aérea causava no moral e na motivação das tropas iraquianas, o que contribuía consideravelmente para tirar a vontade de lutar dos militares de Saddam, fazendo com que se rendessem ou desertassem.

Efetuada a análise do emprego das Op Psc na Operação Tempestade no Deserto, que é o propósito do trabalho em lide, pode-se responder afirmativamente à questão proposta: “As Operações Psicológicas podem ter um papel fundamental no resultado de um conflito armado?”, pois, conforme visto, seu uso adequado, combinado com outras ações, o cuidado com a sua preparação e com os métodos de avaliação contribuíram sensivelmente para o sucesso da Força de Coalizão na libertação do Kuwait.

REFERÊNCIAS

- BBC. 1988: *Thousands die in Halabja gas attack*. 2005. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/march/16/newsid_4304000/4304853.stm>. Acesso em 31 mai. 2019.
- BBC. 1991: *'Mother of all Battles' begins*. 2006. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/january/17/newsid_2530000/2530375.stm>. Acesso em 03 jun. 2019.
- BLACKWELL, James. *Tempestade no Deserto*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva LTDA, 1991. 258 p.
- BRASIL. Escola de Guerra Naval. *Manual de Estratégia Operacional (EGN-601)*. Rio de Janeiro, v.2, 2012.
- BRASIL. Comando de Operações Terrestres. *Manual de campanha de Operações Psicológicas EB70-MC-10.230*. Brasília, ed. 4, 2017.
- DUNN, Brian J. *The First Gulf War: Iran and Iraq at War in the 1980`s*. 2009. Disponível em: <<http://thedignifiedrant.blogspot.com/2009/06/first-gulf-war-iran-and-iraq-at-war-in.html>>. Acesso em 30 mai. 2019.
- EBRAICO, Paula Rubea Bretanha Mendonça. *As opções de geopolítica americana: o caso do Golfo Pérsico*. 2005. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/8064/8064_5.PDF>. Acesso em 14 jun. 2019.
- EUA, Central Intelligence Agency. *Iraq Economic Data (1989-2003)*. 2007. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/reports/general-reports-1/iraq_wmd_2004/images/ch2_anxD_img07.jpg/image.jpg>. Acesso em 30 mai. 2019.
- GARCIA, Nelson Jahr. *Propaganda: ideologia e manipulação*. 1999. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/manipulacao.html>>. Acesso em 26 abr. 2019.
- HAULMAN, Daniel L.. *USAF Psychological Operations, 1991-2003*. 2003. Disponível em: <<https://apps.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a434034.pdf>>. Acesso em 02 jul. 2019.
- HOSMER, Stephen T.. *Psychological Effects of U.S. Air Operations in four wars 1941-1991. Lessons for U.S. Commanders*. [S.l.]. Rand Corporation , 1996. 258p.
- JOHNSON, Richard D.. *Seeds of Victory*. Salt Lake City: Schiffer Publishing Ltd, 1997. 283p.
- JONES, Jeffrey B.; SUMME, Jack N. *Psychological Operations in Desert Shield, Desert Storm and Urban Freedom*, 1997. Disponível em: <<https://www.ausa.org/sites/default/files/LPE-97-3-Psychological-Operations-in-Desert-Shield-Desert-Storm-and-Urban-Freedom.pdf>>. Acesso em 06 jul. 2019.
- KEEGAN, John. *A guerra do Iraque*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2005. 288p.

LAFER, Celso. *Notas para exposição do Ministro Celso Lafer na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado Federal (conjunta com a Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional da Câmara dos Deputados)*. Brasília, DF, 2002. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/component/content/article?id=10612:notas-para-exposicao-do-ministro-celso-lafer-na-comissao-de-relacoes-exteriores-e-defesa-nacional-do-senado-federal-conjunta-com-a-comissao-de-relacoes-exteriores-e-defesa-nacional-da-camara-dos-deputados-20-de-novembro-de-2002>>. Acesso em 01 mai. 2019.

LINEBARGER, Paul. M.A.. *Guerra Psicológica*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1962. 541 p.

Nações Unidas Brasil. *Conselho de Segurança*. 2008. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/conheca/como-funciona/conselho-de-seguranca/>>. Acesso em 01 jun. 2019.

_____. *A ONU e o desarmamento*. 2011. Disponível em:<<https://nacoesunidas.org/acao/desarmamento/>>. Acesso em 14 jun. 2019.

PERRY, Kathy J. *The Use of Psychological Operations as a Strategic Tool*. 2000. Disponível em: <<https://apps.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a377939.pdf>>. Acesso em 06 jul. 2019.

ROUSE, Edward. *Psychological Operations/Warfare*. 2014. Disponível em: <<https://michaelruark.blog/2014/05/14/capture-their-minds-and-their-hearts-and-souls-will-follow/>>. Acesso em 27 jun. 2019.

SCHUBERT, Frank N.; KRAUS, Theresa L.. *Tempestade do Deserto*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1995. 403 p.

UOL. *Guarda Republicana, o núcleo das Forças Armadas iraquianas*. 2003. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/inter/afp/2003/03/31/ult34u63658.jhtm>>. Acesso em 01 jun.2019.

ZARPELÃO, Sandro Heleno Morais. *A Guerra do Golfo (1991): Uma análise das Operações Escudo e Tempestade do Deserto*. 2010. Disponível em: <<https://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Sandro%20Heleno%20Morais%20Zarpele%3o.pdf>>. Acesso em 14 jun. 2019.

ANEXO A – Distribuição de folhetos na Operação Tempestade no Deserto

A tabela abaixo apresenta os temas dos folhetos, métodos de entrega e a quantidade, em milhões, entregues durante a Operação Tempestade no Deserto, como parte das Op Psc.

Temas dos panfletos	Veículos utilizados				Total
	Balão	MC-130	F-16	B-52	
Apelos para rendição	0,054	11,5	0,81		12,4
Inevitabilidade da derrota do Iraque		4,3	2,3		6,6
A responsabilidade de Saddam pela guerra	0,098	1,8	0,835	2	4,7
Abandonar os equipamentos e/ ou fugir		1,3	0,585		1,9
Outros	0,186		3,3		3,5
Total	0,3	18,9	7,8	2	29,1

Fonte: Hosmer, 1996.

ANEXO B—Ilustrações de Operações Psicológicas

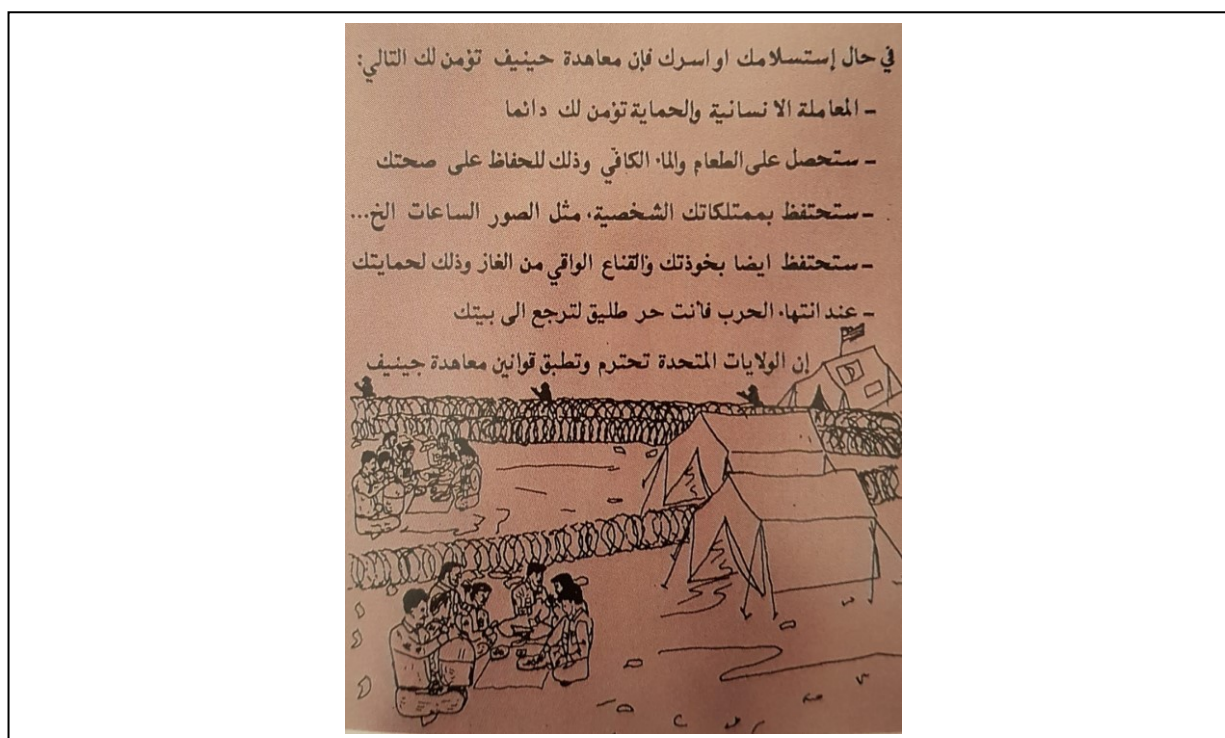


FIGURA 1 – Metade de um panfleto pertencente a um colecionador.

Fonte: Johnson, 1997, p.25.

Nota: Desenho de um grupo de militares iraquianos dentro de um campo de prisioneiros de guerra. A parte textual deste produto dirige-se ao soldado iraquiano e comunica-lhe que, se deixar de resistir, será bem-vindo como amigo. Afirma ainda que os prisioneiros receberão comida, água e assistência médica, e que se prisioneiros tem pertences consigo, estes não serão roubados por seus captores. Também termina com a afirmação de que os EUA respeitam a convenção de Genebra.



FIGURA 2 – Panfleto “Pôr do Sol” (frente e verso).

Fonte: Johnson, 1997, p.46.

Nota: Na frente do panfleto aparecem as bandeiras do Iraque e da Arábia Saudita, e duas pessoas durante o pôr do Sol em um cenário de deserto, com dunas que remetem à região do Oriente Médio, visando causar a percepção de proximidade entre os dois países. O verso do panfleto contém um texto em árabe “ Na paz nós permaneceremos sempre lado a lado”. Há um senso muito explícito de fraternidade árabe e o objetivo deste panfleto era que os iraquianos tivessem a percepção de que Saddam era a única pessoa que estava negando os laços da unidade tradicional dentro dessa região. O público-alvo são os militares iraquianos no Kuwait.

FIGURA 3 – Panfleto “Convite” (frente e verso).



Fonte: Jonhson, 1997, p.56.

Nota: O público-alvo deste panfleto são os militares iraquianos no Kuwait. No quadro à esquerda há uma referência muito explícita ao alívio da fome e das necessidades básicas. O retrato de três soldados iraquianos que já se renderam e estão sendo bem tratados e alimentados é uma imagem que visa encorajar os demais a fazerem o mesmo. O quadro à direita mostra um iraquiano se rendendo. No verso consta um convite para os iraquianos se juntarem à Coalizão, em troca de comida, assistência médica, proteção e promessa de um retorno seguro ao seu lar assim que se encerrar o conflito gerado por Saddam Hussein. O convite faz ainda um apelo, chamando o militar iraquiano de irmão e o convidando a se render assim que tiver uma oportunidade. O selo da Força de Coalizão estampado no verso visa passar ao militar iraquiano a percepção de credibilidade no panfleto.



FIGURA 4 – Panfleto “Render-se” (frente e verso).

Fonte: Johnson, 1997, p.59.

Nota: Na parte da frente há uma imagem remetendo à atitude de rendição, e um texto em árabe com o passo a passo sobre como os iraquianos devem proceder, caso tenham a intenção de se render: retirar o carregador da arma, carregá-la no ombro esquerdo com o cano apontado para baixo, dentre outros procedimentos. No verso do folheto, em forma de convite, vem escrito que de posse deste folheto o militar iraquiano tem permissão para cruzar a fronteira e se juntar às forças aliadas, onde receberá um bom tratamento, proteção e será tratado de acordo com a Convenção de Genebra. O público-alvo deste panfleto são os militares iraquianos no Kuwait.

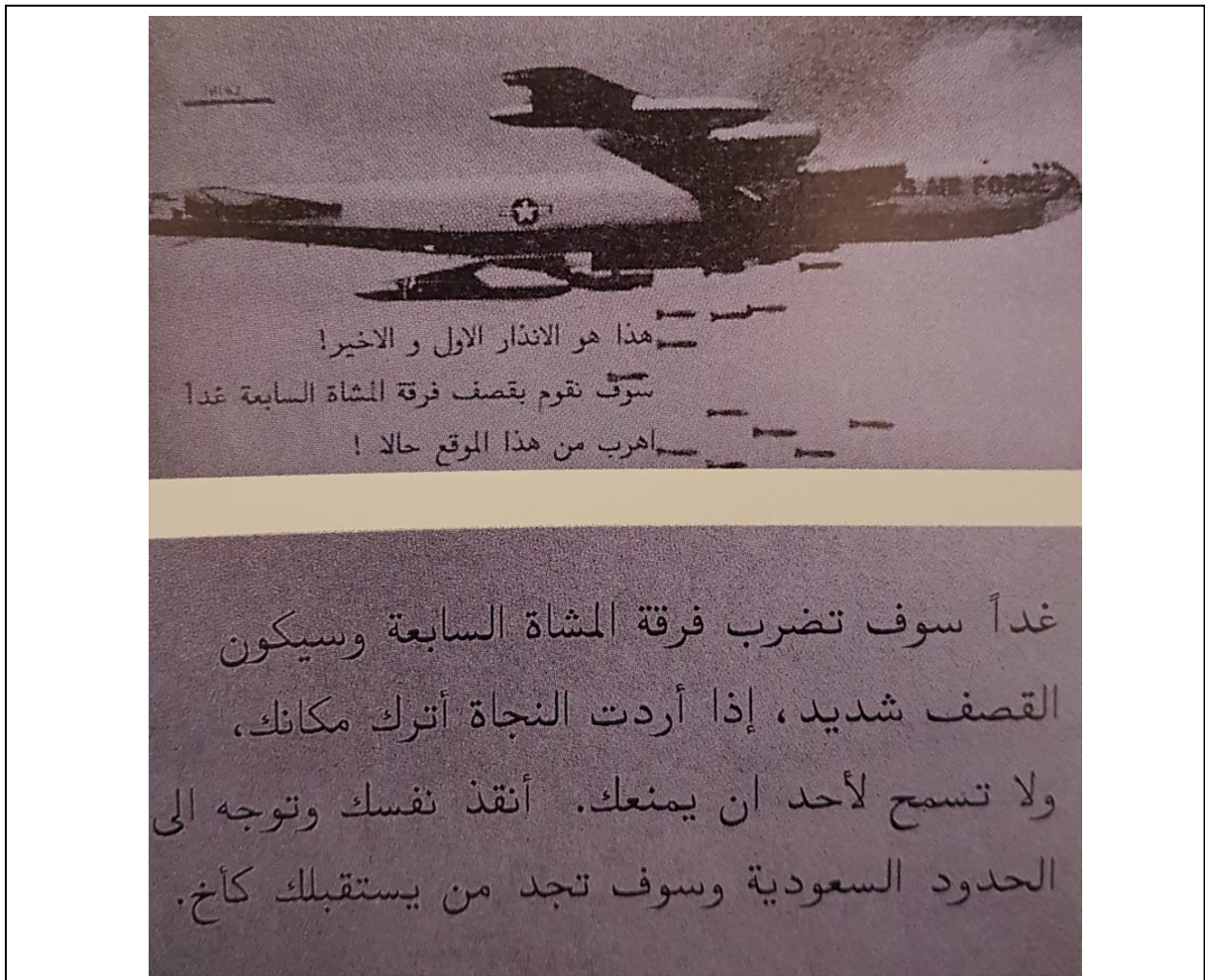


FIGURA 5 – Panfleto “B-52” (frente e verso).

Fonte: Johnson, 1997, p.69.

Nota: Na parte da frente deste panfleto mostra o bombardeiro B-52 da Força de Coalizão lançando bombas, acompanhado do texto “ o bombardeiro da 28ª Divisão de Infantaria será realizado amanhã. Fugam deste local imediatamente e se salvem”. No verso costa o seguinte texto “Nós já lhes informamos sobre nossa promessa de bombardear a 28ª Divisão de Infantaria. Nós mantivemos nossa promessa e os bombardeamos ontem. Cuidado, nós repetiremos o bombardeio amanhã. Agora, a escolha é sua. Ou ficar e enfrentar a morte ou aceitar o convite das forças conjuntas para proteger suas vidas”. O público-alvo deste panfleto é a 28ª Divisão de Infantaria iraquiana no Kuwait.